

Asianadian: A ficção asiático-canadense de mulheres em processo de transculturação

Asianadian: Asian Canadian fiction by women in transcultural process

Maria do Rosário Silva Leite¹

Submetido em 7 e aprovado em 18 de abril de 2018.

Resumo: Em *Everything Was Good-Bye* (2010), de Gurjinder Basran, escritora canadense inserida na diáspora asiático-canadense, buscamos focar os impactos da exclusão e da discriminação que permeiam as narrativas de escritoras contemporâneas no contexto literário canadense. Ao abordarmos o romance em tela, entendemos a escrita da autora como uma tentativa literária de “quebrar o silêncio” imposto pelo privilégio branco, promovendo uma releitura de caráter pós-colonial e contra hegemônico do Canadá contemporâneo. Dessa forma, nos debruçamos sobre a escrita da minoria asiático-canadense (mulheres de cor), parte significativa dos povos asiáticos que migraram para aquele país e que expõe frequentemente as memórias do passado e as experiências do presente para, assim, desenvolvermos uma necessária compreensão do contexto de um país tão múltiplo, através da discussão do conceito de transculturação (ou transculturalidade) e seu impacto no romance da Basran. Assim, esse novo espaço que se forma pela perspectiva das literaturas das minorias, no caso, da diáspora indiana no Canadá, mostra-se como o lócus apropriado para apresentar os conflitos e negociações entre a cultura ancestral e a de chegada.

Palavras-chave: Asianadian. Transculturação. Diáspora.

Summary: *Everything Was Good-Bye* (2010) is a novel by Gurjinder Basran, a writer inserted in the Asian Canadian diaspora. Our study focuses on the impacts of exclusion and of discrimination that permeate the threads of the narrative warp of the selected writer in attempt to “break with the silence” imposed by the *White Privilege*, thereby promoting a rereading of post-colonial and counter-hegemonic features of contemporary Canada. In this way, casting a closer look at the writing of Asian Canadian minority (women of color), in this case, people who emigrated from India to Canada, bringing to light memories of the past and experiences of the present. Furthermore, we present a necessary understanding of such a multiple country as Canada by discussing the concept of transculturation (or transculturality) and its impact on Basran's novel. Creating a new space for minority literatures, literature becomes the appropriate locus to present the conflicts and negotiations between the ancestral culture and the one of arrival.

Keywords: Asianadian. Transculturation. Diaspora.

*We are new Canadians
Come from many races
Black, white, olive, brown,
All alike, for all the many places
High tech, mid tech or no tech
Are one.*

Uma Parameswaran

Canadian writers have deconstructed the literary canon, and in particular women and ethnic and racial minorities are building “rooms of their own”.

Diane McGifford

O mundo hodierno, no qual categorias múltiplas e distintas têm se tornado mais visíveis, depara-se cada vez mais com o questionamento das fronteiras geográficas e culturais entre grupos sociais distintos, resultantes, entre outros fatores, das intensas ondas migratórias que requisitaram uma reflexão quanto ao redimensionamento das noções de identidade e pertença, marcando e remodelando também o próprio conceito de nação. Entre os processos, desencadeados pelos encontros culturais provenientes da globalização, a nossa fonte temática – a literatura canadense – tem se tornado um campo fértil da produção de mulheres, principalmente daquelas pertencentes às de etnia asiática. Assim, nossa investigação sobre a literatura de mulheres asiático-canadenses partiu da observação da expansão dos estudos literários no Canadá quanto à representação das minorias e os questionamentos em relação às perspectivas defendidas pelo *White Privilege vis-à-vis* as diferenças étnicas vinculadas às negociações das múltiplas dimensões da vivência diaspórica. Essa emergente literatura, que ao final do século XX começa a romper com a invisibilidade e silêncio impostos ao longo da experiência vivida por esses povos (indo e nipo-asiáticos) após a migração para o território canadense, possibilita que tais sujeitos possam criar novos espaços híbridos voltados para o “crescimento” e embates, tanto individual quanto coletivo, das denominadas minorias no território em que passam a se inserir. Assim, a reapropriação da história vivida por parte desses grupos, dos discursos sobre gênero e raça, anteriormente regidos pelos grupos dominantes, bem como as relações entre gerações dentro do contexto contemporâneo se tornam força motriz na escrita asiática no Canadá, principalmente nas de autoria feminina. Nessa perspectiva, sob a emergência

das teorias pós-coloniais e críticas culturais contemporâneas, torna-se prolífico o campo da produção literária de mulheres asiáticas em território canadense. Destacando-se como país cujas políticas e receptividade ao imigrante se sobressaem mundialmente, o campo literário nos oferece textos que incitam uma discussão sobre a situação atual da mulher migrante, bem como a reflexão acerca das reconstruções identitárias no entre lugar. Essas discussões estimuladas pela heterogeneidade característica do país, bem como a demanda nos escritos dos sujeitos antes marcadamente periféricos, franqueiam, assim, o rompimento com as noções atreladas a uma nacionalidade apenas, europeia/branca.

Dessa forma, como produto de forças históricas, a Literatura Canadense logo se materializa no entrecruzar de um imaginário multifacetado e de subjetividades plurais, deixando marcas indeléveis da diversidade nas negociações identitário-cidadãs no contexto canadense. O que fica evidente é que formas de vivência diversas dentro do território daquele país são influenciadas tanto pelas culturas das diferentes populações que ali se instalaram quanto pelas trocas transculturais tão frequentes na modernidade tardia, configurando, assim, um imaginário de pertencimentos, identidades e memórias imbricadas que tonalizam as experiências de diferentes formas.

Asianadian: a literatura asiático-canadense de expressão inglesa

A representação dos primeiros indícios literários asiáticos na América do Norte data do século XIX, mais especificamente, sob a tutela das romancistas e irmãs Eaton. Sendo ambas de origem chinesa por parte de mãe e inglesas por parte de pai, Edith Eaton (Sui Sin Far), nascida na Inglaterra em 1865, e Winnifred Eaton (Onoto Watanna), nascida em Montreal no ano de 1875, são consideradas as pioneiras na adaptação/transposição das condições de vida dos asiáticos na América do Norte na forma escrita. A produção das irmãs Eaton estava relacionada ao que Dominika Ferens (2002) denominou de ‘discursos etnográficos sobre raça’. Dadas às circunstâncias sofridas por seus pais na Inglaterra, fato esse que acarretou na perda do status social pelo casamento inter-racial que realizaram, as irmãs Eaton, sob os pseudônimos de origem chinesa Sui Sin Far e japonesa Onoto Watanna, tornam-se observadoras pontuais das culturas não ocidentais, principalmente após a migração para o Canadá. Como sujeitos transculturais (aspectos sobre os quais

discorreremos mais adiante), passam a retratar a condição migrante asiática canadense em suas obras; Edith, centrada na condição chinesa, e Winnifred, abraçando a visão do ponto de vista japonês. Edith ficcionalizava fatos contundentes, enquanto que sua irmã criava uma versão romanceada dos acontecimentos. Segundo destaca Lorraine McMullen (1997, p. 348) sobre os escritos de Edith, “ela pode ser considerada a primeira Norte Americana de origem chinesa a escrever realisticamente e convincentemente a respeito das dificuldades e preconceitos com os quais se depararam os chineses na América do Norte.”² Sua publicação no Montreal Daily Star, intitulada “The Land of the Free”, em 15 de março de 1890, ficou reconhecida como a primeira reportagem em defesa dos povos chineses no Canadá. Com maiores oportunidades de publicação nos Estados Unidos, segundo citam SUGARS; MOSS (2009, p. 445) “Eaton enviou muitos de seus escritos a periódicos norte-americanos, geralmente suprimindo qualquer referência que pudesse identificar suas configurações como canadenses da Chinatown.”³

De acordo com o texto *Sui Sin Far and Onoto Watanna two early Chinese-Canadian* (2011), de James Doyle, outro ponto significativo e recorrente na ficção das irmãs Eaton aponta para a condição da divisão entre dois estados, dois lugares, em especial a exploração ficcional dos interstícios da condição feminina entre dois mundos, duas culturas, um espaço de oscilação, não permitindo a participação efetiva em nenhuma das posições por completo. As duas encontraram-se naquilo que em estudos posteriores, os teóricos pós-coloniais chamariam de ‘zona de contato’ e ‘entre lugar’; *in-between*, articulações estas que se tornavam prenunciadoras do que posteriormente seria temática constante em numerosos textos de escritores asiático-canadenses e também foco de análise dos estudos culturais, entre outros. Apesar da necessidade de seguir modelos estéticos da época, o empenho desprendido pelas irmãs Eaton em seus textos enfatizaram questões cruciais, como as de etnia e gênero.

Ambas as irmãs realmente praticaram estratégias políticas e textuais que são, em suma, flexíveis, unindo resistência e adaptação, o assunto desagradável e o modelo de minoria, conforme apropriado para seus contextos. Suas estratégias flexíveis estavam centradas em articular a raça através do gênero e da sexualidade, e vice-versa. Embora Sui Sin Far tenha desafiado a dominação racial, ela o fez muitas vezes fazendo concessões às restrições de gênero e

as expectativas patriarcais. Enquanto isso, como os críticos mais recentes da Onoto Watanna tem argumentado, ela frequentemente desafiou essas mesmas restrições e expectativas, gesto que supostamente a acomoda de forma mais positiva nas exigências raciais de hoje (NGUYEN, 2002, p. 35).⁴

De acordo com Sugars; Moss, (2009, p. 445) “muitas de suas histórias contêm personagens ‘euroasiáticos’ ou chineses e europeus de ascendência mista. Em suas histórias, Eaton abordou questões sobre o racismo, biculturalismo e casamentos biraciais, assim como a independência das mulheres.”⁵ Estas, dentre outras temáticas engajadas, se fizeram presentes nos textos de escritores posteriores por meio de um deslocamento que gradativamente se (des)articulava de um discurso étnico e rumava para o racial e sociocultural e vice versa, repensando, assim, as conexões entre a história dos povos migrantes, seus descendentes e a consequente e crescente diversificação demográfica, entrelaçando-os as novas correntes de inclusão. Nessa perspectiva, a cambiante cena literária contestadora de um lugar, de pertencimentos, de identidades, numa nova ordem transcultural, desloca as ortodoxias de outrora para reavaliar e dispor o aqueduto de histórias anteriormente desviadas do fluxo principal.

No entanto, segundo Guy Beauregard (1999, p. 53) “Não obstante o fato de que os asiáticos canadenses têm escrito desde o final do século XIX, o uso do termo “literatura asiático canadense” é relativamente recente.”⁶ A denominação asiático-canadense⁷ só entrou em vigor com propriedade, oficialmente, por volta da década de setenta, sendo empregado pela primeira vez em uma antologia denominada *Inalienable Rice*, produzida pela Powell Street Society e a Chinese Canadian Writer’s Workshop, em 1979. Porém, o reconhecimento como parte integrante da história canadense se deu juntamente à abolição das políticas de imigração branca a partir de 1967, fazendo com que seus escritos abandonassem a clandestinidade, regida pelas antigas percepções eurocêntricas. Essas mudanças foram registradas através da publicação da revista intitulada *The Asianadian: An Asian Canadian Magazine*, com produção entre os anos de 1978 a 1985, cuja influência repercutiu na ‘junção de povos’ do leste asiático, ainda que diferenciados, e de suas expressões literárias também variadas, como demonstração de uma força motriz das minorias e a demanda por um espaço de expressão cultural dentro do Canadá.

Conforme destaca Larissa Lai (2014, p. 1) “a formação da literatura Asiático Canadense tal qual fora concebida nos anos de 1980 e 1990 emerge como uma ruptura.”⁸ Oriunda da confluência de fatores, tais como, a vigência do *Multiculturalism Act*, de 1988, o pedido de desculpas oficial do Governo Canadense aos nipo-canadenses pelo internamento dos mesmos durante a Segunda Guerra Mundial e a aceitação das teorias pós-estruturalistas nas universidades, conjuntamente ao trabalho de comunidades Asiático Canadenses e outros grupos minoritários que se tornaram, segundo Lai (2014), fatores constituintes da ideia de uma identidade Asiático-Canadense. Do mesmo modo, a revista *Rice paper*, com publicações desde 1994, que inicialmente se destinava ao público participante da Oficina de escritores Asiático-Canadenses (ACWW) numa espécie de boletim informativo acerca das conquistas, produção literária e artística dos participantes, atualmente essa publicação prossegue sendo publicada trimestralmente, de costa a costa do país, destacando novas vozes das comunidades artística e literária de cunho exclusivamente asiático.

No âmbito dos estudos acadêmicos, a temática é “inaugurada” e ao mesmo tempo revitalizada por Roy Miki durante uma conferência na Associação de Estudos Asiático-Americanos em 1993, com a palestra intitulada *Asiancy: Making Space for Asian Canadian Writing*; o escritor e teórico agenciava um espaço real e legítimo às demandas literárias dos povos asiáticos em território canadense. Além das publicações, diversas conferências como a *CCSEAS – The Canadian Council for Southeast Asian Studies*; a *CanadAsia – Asia Pacific Foundation of Canada*; *Asian Canadian Studies Conference (OISE)* prosseguem estimulando os diálogos interdisciplinares, incidindo sobre a expressão *asiático-canadense* – a inclusão da aplicação do termo na reflexão, como também, nas suas contribuições potenciais para áreas como o combate ao racismo, sobre os fluxos migratórios, aspectos geográficos, a diversidade sexual e de gênero, as diásporas e os estudos transnacionais, entre outros.

A complexa interação entre contexto e intenção implica que o elemento asiático-canadense foi compreendido, às vezes, de maneira contraditória, não só como sintomático à história racializada do Canadá, como uma extensão do estrangeiro/asiático em seu organismo nacional, mas também como provisório que

tornam visíveis as práticas culturais daqueles designados sob essa nomenclatura. Por outro lado, o termo asiático-canadense deu à luz um legado de racismo e alteridade que são marcados por políticas estatais como exclusão (para os chineses-canadenses) e internação (para os japoneses-canadenses), mas ainda, por outro lado, tornou-se a face de possibilidades literárias e culturais com o poder de criticar, bem como de superar o passado (MIKI, 2011, Preface, p. xiii).⁹

As décadas posteriores à revitalização da escrita asiático-canadense testemunharam também o englobamento de uma maior heterogeneidade de povos (sul asiáticos, dentre esses povos imigrantes da Índia, Paquistão, Sri Lanka, Bangladesh, Sul da África) incluídos na denominação asiático-canadense agregando, assim, novos traços ao país. Dessa forma, estabeleceram-se, gradativamente, não como determinação geográfica, mas como redefinição de etnias culturais aproximadas num espaço que reconfigura, pelo textual, as vozes de povos que comungam das mesmas intempéries diaspóricas. Segundo Lai (2014, p. 2) “a ascensão da literatura asiático canadense como conceito e categoria coincidiram com o ativismo de base comunitária asiático canadense e com o ativismo de base comunitária de outras comunidades marginalizadas, muitas das quais se sobrepunham ou que operavam paralelamente ao quadro ‘Asiático Canadense’.”¹⁰ Como estratégia primeira da “quebra do silêncio”, as narrativas se dispunham a ressoar as vozes anteriormente reprimidas em favor da construção e manutenção do “estado colonial branco” (LAI, 2014, p. 33). Dessa forma, a Literatura Asiático-Canadense se apropria das políticas de abertura às migrações, assim como dos espaços históricos de distinção étnica para sobrepor os papéis de negociação quanto à história das denominadas minorias visíveis, sua participação na construção do país e as negociações identitárias que perduram por gerações. Regidos, assim, por trajetórias conflituosas, o recontar de memórias culturais de outrora repercutem nos escritos das gerações posteriores, cujo papel de ‘mediadores culturais’ se enfatiza a cada trânsito renovado.

Segundo Domínguez; Lucas; López (2011, Introdução ix), “Como resultado, esses grupos étnicos / raciais e seus representantes ficaram imobilizados na posição de ‘Outros’ em relação à cultura canadense branca, e seu trabalho relegado aos guetos e comercializado sob o rótulo ‘étnico’”¹¹. A denominação asiático-canadense seria categoria definidora de um indivíduo ou agremiação podendo restringi-los a um grupo pseudo homogêneo, visto

em relação ao grupo dominante como alteridade, que desencadearia sua assimilação ou exclusão. Essa diferenciação posicional entre o macro e micro grupos sociais tem sido contestada pela literatura asiático-canadense, bem como a noção de nação coerente no que se refere ao Canadá e suas políticas.

Os esforços coletivos de construção da identidade asiático canadense parecem ter três objetivos inter-relacionados: (1) recuperar a etnia suprimida e forjar novas identidades; (2) projetar uma identidade asiático canadense na sociedade majoritária como uma forma de intervir no processo de construção do país; e (3) participar de uma luta transnacional pela igualdade e justiça e para a construção de novas identidades culturais no contexto das diásporas asiáticas (LI, 2007, p. 16).¹²

É, então, sob os esforços coletivos de uma gama étnica, pois “a designação Asiático Canadense é porosa” (LAI, 2014, p. 5).¹³, que a presença desses povos nas letras canadenses remapeiam as margens e ganham espaço, crescendo dentro da crítica especializada. Nas palavras de Roy Miki (2000, p. 53), “O asiático-canadense torna-se, então, um assunto localizado – de pesquisa, produção cultural e interrogação – num local de duas frentes: onde as relações de dominação ameaçam se remobilizar (mais do mesmo) ou onde os críticos da nação podem postular futuras metodologias de resistência e formações coletivas.”¹⁴ A persistência de escritores como Joy Kogawa, Michael Ondaatje, Neil Bissoondath, Sunita Namjoshi, Rienzi Cruz, Bharati Mukherjee, Roy Miki, Richard Fung, M. G. Vassaji, em destacar no imaginário contemporâneo à exclusão étnico-racial, representativa não apenas de uma história, mas também da formação demográfica canadense, representa o ressoar das vozes, antes silenciadas, mobilizando, assim, os laços de pertencimento e suas renegociações. Nesse sentido, toda uma gama de escritores asiático-canadenses levantam essas questões na contemporaneidade, a exemplo de Wayson Chon e seu romance *All that Matters* (2004), Fred Wah com *Is a door* (2009), Madeleine Thien com *Simple Recipes* (2001) e *Certainty* (2007), Ranj Dhaliwal com *Daaku* (2006), Larissa Lai com *Salt Fish Girl* (2002), entre outros que auxiliaram no estabelecimento de um novo cenário para os estudos literários asiático-canadenses. Dessa forma, “esses escritores salientam a fluidez, mobilidade e múltiplas passagens ao invés de identidades raciais fixas e estáveis. Lares e eus são geralmente mais do que um único”

(DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, p. 143).¹⁵, tornando-os parte da constelação do povo canadense visto antes como predominantemente “branco”. Esses escritores, ainda que caracterizados, segundo assinala a escritora e teórica Himani Bannerji, como uma “presença ambígua”, entornam no espaço artístico/literário transnacional uma literatura asiático-canadense resistente aos obstáculos e às construções ideológicas de pertencimento, nacionalidade e identidade fixas, criando uma fusão de estratégias narrativas promotoras de espaços e sujeitos híbridos.

O asiático-canadense: do multicultural para o transcultural

Verificamos que a passagem do multi para o transcultural na literatura canadense, agregadas pelos subtópicos que tratam dos estudos comparados no contexto das mobilidades na contemporaneidade, culminando nos aspectos transculturais presentes no romance contemporâneo, torna-se notório que as políticas multiculturais contribuíram no exercício do estabelecimento das variadas comunidades no Canadá e proporcionaram aos grupos étnicos a manutenção referencial da própria especificidade cultural, bem como direitos básicos de inserção na nova sociedade compartilhando com todos os canadenses um molde social caracterizado por leis e regras que buscam certo grau de justiça social. Contudo, os entrecruzamentos das identidades culturais em constante definição e transformação, consonantes entre si e interagindo em redes variadas, intensificam as vigorosas trocas culturais alimentadas pela contínua expansão global, que demanda uma efetiva manutenção nas relações etno-socioculturais. De acordo com Sabrina Brancato (2004, p.41-42):

Atualmente, em resposta à sua incapacidade evidente em explicar a complexidade do mundo moderno, a noção tradicional de cultura está em processo de revisão. Sobretudo dentro do âmbito filosófico e antropológico - e mais recentemente na literatura - que se sente mais e mais vezes propícia a falar sobre o transcultural e transculturalismo. Esses novos conceitos colocam ênfase sobre a natureza dialética de influências culturais, tendendo à conceituação humana da interação em que nada é completamente “outro” (estrangeiro e estranho) e serve, portanto, à compreensão do processo de formação da identidade cultural em toda a sua complexidade.¹⁶

Desse modo, o ritmo vertiginoso dos ‘tempos líquidos’ (BAUMAN, 2007) suscita uma outra etapa e é nessa perspectiva que o transculturalismo oferta campo

fértil às discussões críticas sobre os impactos culturais e os encontros fronteiriços entre uma pluralidade de povos. Essa seria uma compreensão alternativa aos conceitos de multiculturalismo e interculturalismo, que no momento atual nos parecem inaptos à compreensão dos fluxos e encontros contemporâneos, dada à intrincada formação das sociedades pluriculturais. Acreditamos que a perspectiva multi e (inter)cultural vem sendo eclipsadas pelo transculturalismo. Essa perspectiva, por sua vez, compreende as multifacetadas das identidades fluidas resultantes dos encontros culturais e que se reflete nas literaturas fomentadas por estes trânsitos. De acordo com Mikhail Epstein (1999, p. 17) “a literatura é uma parte inseparável da cultura e não pode ser entendida fora do contexto total de um somatório cultural de uma determinada época.”¹⁷

A incorporação das lentes transculturais ao trato literário-cultural e suas respectivas análises é algo relativamente recente e comunga com o novo foco dado às literaturas migrantes na virada do século XXI. Nesse contexto, por meados dos anos noventa, os estudos transculturais no Canadá foram analisados em relação ao contexto literário por Janice Kulyk Keefer, cujos estudos acerca da revisão do multiculturalismo deram origem à expressão *caleidoscópico cultural*, termo este que pleiteou o antigo posto destinado ao termo ‘mosaico’, visto pela escritora e teórica como fonte da guetização das minorias e de seus construtos literários. Desse modo, as literaturas denominadas transculturais seriam, segundo Keefer (1995, p. 193), “aqueles produtos culturais de uma sociedade multicultural que reivindicam, exploram ou aludem a posição limítrofe de seus criadores entre dois ou mais países, comunidades e culturas diferentes.”¹⁸ Investigando dessa maneira, temos a formação de identidades rumo a processos de trocas culturais imersas numa gênese regida pelas intensas forças globais provedoras de um remapeamento das diásporas contemporâneas, onde as literaturas transculturais emergem como modelo de uma extensão primária ao que os teóricos denominam de “literaturas móveis”. Demonstra ainda a perspectiva de Keefer (1996, p. 254) que a escrita transcultural se engaja em ultrapassar as marcas redutoras das expressões imigrante e étnica, já que a produção atual “não é escrita e lida exclusivamente para ou por membros de uma dada comunidade no Canadá.”¹⁹

Nossa investigação quanto a esses processos na literatura canadense dialoga com as produções emergentes a partir da década de oitenta, período no qual o romance

canadense se torna mais variado em suas formas e temáticas, enfocando aspectos de uma história reprimida ou silenciada pela esfera dominante, que renegava as representações identitárias dos povos à margem, seus pertencimentos e deslocamentos culturais. As narrativas do passado concederam popularidade ao romance histórico como forma de reafirmar uma identidade consolidada nas memórias culturais. Por sua vez, o gênero ampliou as perspectivas e olhares sobre a nascente de “histórias alternativas” e da consequente recomposição do que viria a ser a (ou as) identidade(s) canadense(s). Sendo assim, na reescrita histórica de grupos sociais minoritários, a diversidade étnica e herança racial se destacaram nos anos oitenta. Segundo pontua Nora Tunkel (2012, p. 36), “se a fase pós-moderna e historiográfica começou em 1960, os discursos pós-coloniais e subalternos tornaram-se dominantes na década de 1980.”²⁰ Dentre os escritores que se destacam e se identificam com o período se sobressai Ruby Wiebe e a revisão do passado histórico canadense, em seu romance intitulado *The Temptations of Big Bear* (1973), épico que narra a tumultuosa história do oeste canadense sob a perspectiva aborígene e anteriormente em *The Blue Mountains of China* (1970), romance épico baseado em escritos da própria autora com subsídios em sua ascendência *menonitae*. Igualmente se destaca Michael Ondaatje com *In the Skin of A Lion* (1987), narrativa sobre a construção de Toronto por imigrantes. Entretanto, a nosso ver e para o enfoque que segue o presente trabalho, o marco em narrativas de recuperação de histórias silenciadas, se dá a exemplo do romance *Obasan* (1981), de Joy Kogawa, cujo impacto histórico e social incitou uma revisão da História Canadense e do internamento dos nipo-canadenses após o ocorrido em Pearl Harbour, contribuindo na abertura de caminhos na escrita canadense, como forma de conceder voz aos povos minoritários. Sob similar temática, os romances de M. G. Vassanji, *No New land* (1991); Sky Lee, *Disappearing Moon Café* (1990) e Hiromi Goto, *Chorus of Mushrooms* (1994) refletem questionamentos importantes quanto às identidades étnico-culturais herdadas e os contextos diaspóricos.

De acordo com Coral Ann Howells (1996), a exemplo das mulheres nascidas no Canadá em famílias marcadas pela migração, foco de alguns dos romances supracitados, as personagens têm nessas histórias a representação de uma condição particular dentro do multiculturalismo. Essa interseção cultural também pode ser observada em *The afterlife*

of George Cartwright (1992), de John Steffler e em *A discovery of strangers* (1994), de Rudy Wiebe. Nessa perspectiva, a estética revisionista dos romances históricos se lançam mais profundamente no esquadrinhamento crítico, engendrando, assim, romances que se apresentam e se cercam de uma das tendências da literatura canadense pós década de oitenta, conforme *The Canadian Postmodern* (1988) de Linda Hutcheon. Hutcheon nos introduz ao conceito de ‘metaficção historiográfica’, conciliando funções estéticas e sociais na forma de uma escrita ficcional de caráter revisionista da história canadense, narrada pela perspectiva das margens. Diferentemente do romance histórico, a metaficção historiográfica questiona as “veracidades” históricas, resgatando-as de visões homogêneas e dominantes. O período alude às propostas teóricas pós-modernas, pós-coloniais, diaspóricas entrelaçadas à expansão do cânone, assim como a abertura e pluralização no conceito de canadianidade (*canadianness*).

Enraizada, desse modo, na História, a reconstrução imagética do passado e de seu reflexo sobre as gerações posteriores abre espaço à pluralidade de vozes definidoras da “paisagem” canadense. Assim dispostos e, conforme assertiva de Coral Ann Howells (1992, p. 19), “seria mais apropriado definir a situação do imigrante no Canadá como “transcultural” ao invés de “multicultural”, uma vez que esta condição implica um constante deslizamento entre a cultura nativa e a cultura adotada.”²¹ O neologismo é, pela primeira, vez fomentado com base nos postulados do antropólogo cubano Fernando Ortiz, um dos introdutores das ideias que embasam os estudos transculturais. O termo transculturação advém de uma análise crítica em resposta aos estudos da aculturação, nos quais Ortiz investiga os contatos entre diferentes culturas, cuja análise se desdobra entre os elementos étnicos do povo cubano, a conseqüente mestiçagem e sua múltipla constituição, resultando na publicação de *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*, em 1940. Em suas contribuições, Ortiz afirma que a transculturação ocorre em duas etapas; a primeira denominada, ‘desculturação’, recai sobre a perda ou extirpação dos elementos de uma cultura; em contrapartida, a ‘neoculturação’ indica a assimilação de elementos concernentes as duas culturas, conseqüentemente criando uma outra. Nas Palavras de Fernando Ortiz (1995, p. 102):

Sou da opinião de que a palavra transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo de transição de uma cultura para outra, porque esta não consiste apenas na aquisição de uma outra cultura, que é o que a palavra em Inglês aculturação realmente implica, mas o processo também necessariamente envolve a perda ou a erradicação de uma cultura anterior, o que pode ser definido como um desculturação. Além disso, traz a ideia de uma consequente criação de novos fenômenos culturais, o que poderia ser chamado neoculturação.²²

Outro estudioso de destaque nos estudos transculturais é Ángel Rama, que em sua vasta obra transpõe o conceito de transculturação para os estudos literários. Em seu livro *Transculturación: narrativa en América Latina* (1982), o teórico analisa o termo transculturação como fenômeno que ocorre em três fases. Rama atribui à língua, à estruturação literária e à cosmovisão, operações de importância ímpar no interior das narrativas. No que diz respeito à representação de expressões próprias no contexto do regionalismo na América Latina, o teórico afirma que a língua é capaz de atribuir voz às culturas, revertendo a hierarquia, que anteriormente atribuía ao narrador o uso da norma culta e, às personagens, o uso dos dialetos, criando uma linguagem literária peculiar. A língua, aliada à estruturação narrativa, recupera elementos culturais, segundo o teórico, num “exercício de pensar mítico”, engendrando com a cosmovisão significados encontrados nas fontes locais e em sua herança cultural, para, assim, absorver as diversas influências e ao mesmo tempo conservar parte de regionalismos contidos nesse movimento de incorporação da cultura local à global. Em tradução recente para a língua inglesa por David Frye, da publicação de 1982 de Rama, em *Writing across Cultures: narrative transculturation in Latin America* (2012, p. 19), lemos a seguinte observação de Rama sobre a transculturação:

É composta por valores idiossincráticos que podem ser identificados como ativos desde o passado remoto; por outro lado, corrobora com a energia criativa que impulsiona para adiante, tornando-se bastante distinto de um simples amontoado de normas, comportamentos, crenças e objetos culturais, pois é uma força que age com facilidade em situações decorrentes de seu próprio desenvolvimento, bem como sobre as contribuições provenientes de outros lugares²³

Nessa acepção, inspirado em Ortiz, Rama ainda distingue três etapas rebatedoras da aculturação: a *vulnerabilidade cultural* implica na aceitação do elemento externo sem oposições, a *rigidez cultural* impele qualquer contribuição externa, retornando e tomando por base o passado histórico como mantenedor da tradição e a *plasticidade cultural* resultante da junção entre ambas as contribuições. Assim, o processo de transculturação nas acepções ramanianas implica modificações em ambas as partes da equação, onde observamos quebras, absorções, reafirmações de valores num manancial de trocas, perdas e ganhos culturais. Nas palavras do teórico Roland Walter (2009, p. 40):

A transculturação, afirmo, deve ser compreendida como modo polivalente que abrange um diálogo incômodo entre a síntese e a simbiose, a continuidade e a ruptura, a coerência e a fragmentação, a utopia e a distopia, o consenso e o dissenso, a desconstrução e a reconstrução. Um diálogo desconfortável, em outras palavras, entre forças e práticas hegemônicas e contra hegemônicas, entre gestos, atos e estratégias de coerção, expropriação e (re) apropriação, que discrimina entre diversas categorias: a assimilação intencional e imposta, o autodesprezo internalizado e diversas formas de resistência como a mímica e a transescrita. Como tal, a transculturação é uma força crítica que permite traçar as maneiras de transmissão que acontecem entre culturas, regiões e nações, particularmente entre aquelas caracterizadas por relações desiguais enraizadas em formas e práticas de coerção e dominação.

Vale considerar que mesmo na área dos estudos pós-coloniais, Mary Louise Pratt (2008, p. 7) considera a transculturação como um fenômeno das ‘zonas de contato’, “isto é, os espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, e lutam umas com as outras, muitas vezes em relações altamente assimétricas de dominação e subordinação.”²⁴. Termo cunhado como referência aos espaços imperiais de encontro “onde indivíduos previamente separados pela geografia e história estão co-presentes,”²⁵ a teórica o aplica ao analisar as narrativas dos viajantes às diferentes fases do expansionismo capitalista. Por sua vez, o filósofo alemão Wolfgang Iser desenvolve o conceito cultural de transculturalidade como termo que favorece a incorporação de um modelo cultural permeável, rompendo assim com o binarismo (colonizador/colonizado) da visão de Pratt. Para Iser (1999, p. 6) “o conceito de transculturalidade aponta para um entendimento enredado e inclusivo, não em um entendimento separatista e exclusivo de cultura.”²⁶ As

teorias contemporâneas consoantes ao pensamento de Wolfgang Iser (1999) apontam para a aplicação do termo transculturalismo como forma de interagir com a vertiginosa rapidez das interconexões culturais “e a tendência em todas as culturas hoje de serem híbridas, como resultado de uma crescente mobilidade e das tecnologias de comunicação” (BERG; EIGEARTAIGH, p. 10).²⁷

Como escrituras situadas nos interstícios, os textos transculturais anunciam os deslocamentos, interrogam os imaginários de pertença constituídos em um material plural apresentando dissonâncias e consonâncias enquanto representantes da criação literária transcultural. A teórica Coral Ann Howells, ao discorrer sobre os contos de expressão inglesa escritos por mulheres, reflete sobre a transposição do multicultural para o transcultural como forma de abarcar a diversidade e suplantar a separação e diferenciação entre a cultura dominante e as marcas étnicas na escrita das canadenses definidas como “minorias visíveis” através da exposição da condição híbrida verificada pelo glissar entre duas culturas. Segundo Howells, “as histórias escritas por mulheres de uma variedade de origens étnicas - chinesa, russa, menonitas e católicas francesas, judias russas, ucranianas e polacas - representam uma heteroglossia de diferentes vozes assombrando os textos em inglês. Mas as histórias não são alegorias da individualidade, são sim, representações escritas da condição transcultural” (1996, p. 71).²⁸

As diferenças se complementam e criam uma nova comunidade transcultural interpessoal à qual pertencemos, não porque somos semelhantes, mas porque somos diferentes. A perspectiva transcultural abre uma possibilidade para a globalização não como homogeneização, mas, sim, como uma maior diferenciação das culturas e sua “difusão” em indivíduos transculturais, liberando-os de sua dependência em relação às suas culturas nativas. A sociedade global passa a ser vista como o espaço de diversidade de indivíduos livres, ao invés de grupos e culturas fixos (EPSTEIN, 2009, p. 328).²⁹

Apesar dos processos transculturais e suas expressões não serem algo novo, pois desde as expansões marítimas, ficam mais claras as mobilidades dos povos do mundo, os encontros, cruzamentos e mestiçagens fortificam-se, propiciando a composição de um imaginário transcultural que só fora possível devido aos esforços de escritores migrantes em todo o mundo, e que conseguiram impor suas vozes entre as forças globais.

Enquadrado num crescente interesse na conceituação e reflexão sobre as identidades coletivas e a cultura nacional como nova leitura das condições sociais do mundo globalizado, a transculturação abre espaço ao pensamento histórico, interligando as experiências fragmentadas em meio a processos de negociação e pertença dentro de uma dinâmica irreversível e fluida de trocas mútuas, exibindo cenários diferenciados sobre as identidades e identificações entre grupos.

Os conceitos se tornam, então, objeto de investigação oficial da CanLit, a partir da conferência denominada “Transcanada: Literature, Institutions, Citizenship”, de 2005, ocorrido em Vancouver. Os conceitos denominados instáveis e afetados pelos movimentos da globalização, tais como cidadania, identidade, pertencimentos, no âmbito literário são inquiridos por meio das narrativas históricas reconcebidas pelos mais variados olhares, pois os escritos contemporâneos contemplam referências culturais que ultrapassam os limites das suposições nacionais. Segundo Diana Brydon (2007, p. 13) “O Projeto TransCanada oferece a metáfora de Penélope para “desenlaçar a nação”. [...] um convite para reconhecer que a criação de qualquer comunidade imaginada é um trabalho em contínuo, em progresso, que envolve fazer e desfazer, aprender e desaprender, visando não fixar limites, mas incentivar movimentos através deles.”³⁰ Fazendo-se notória, a História da Literatura Canadense através da literatura da experiência migrante e a forma como a mesma repagina e reflete a sociedade e os paradigmas vinculados às questões sobre a identidade nacional funcionam como peça fundamental às releituras dentro da “cultura nacional”. A escrita migrante passa a apresentar um desfolhamento e desembaraço dos antigos modelos “fundadores”, entrelaçando-se aos novos espaços e fronteiras. Assim, as dimensões da literatura canadense contemporânea se prolongam pelo imaginário transcultural de hibridismos globais.

Aspectos transculturais do romance em Basran

Estruturado a partir dos contatos entre diferentes culturas, a transculturação compreende, na perspectiva ramaniana, um movimento de incorporação parcial das culturas local e global como forma de preservação cultural. O que nos interessa, nesse sub tópico, não será a discussão teórica do termo, mas sua discussão quando aplicada

à narrativa, ou seja, aos romances que compõem nosso corpus. Segundo Roseli Barros Cunha (2007, p. 276), “Talvez possamos dizer que a transculturação narrativa constituiria um processo onde a obra literária seria construída pelo autor a partir das peculiaridades da conjunção harmônica entre elementos provenientes de uma tradição interna e dos avanços modernizadores externos”, fornecendo, assim, subsídios para a compreensão dos diferentes cenários sociais e narrativos relacionados à globalização. De acordo com Nora Tunkel (2012, p. 115) “As perspectivas que se conquistam através de uma abordagem transcultural da literatura tornam-se, assim, especialmente relevantes para os textos que disputam a formação de identidades, sejam estas comunitárias ou individuais, étnicas ou raciais, ou determinadas por outros marcadores culturais.”³¹ A recorrência aos aspectos que envolvem o conceito de transculturalidade no presente trabalho se deve a sua viabilidade em lidar com o clã das narrativas móveis cujos textos ficcionais exploram as diásporas, as experiências pós-coloniais, as questões identitárias entre outros aspectos afetados por fluxos migratórios ininterruptos. No caso canadense, segundo aborda Kit Dobson (2009) em publicação recente, intitulada *Transnational Canadas*, o florescimento das literaturas de grupos minoritários não codifica ou demarca apenas o ‘outro’ dentro de um território específico, mas se torna fator preponderante de mudanças na constituição da nação e de seu arcabouço literário.

Dessa forma, ao lançarmos nosso olhar sobre a literatura canadense de viés asiático, percebemos as novas vozes questionadoras das políticas multiculturais do passado e de seus tentáculos usurpadores, da exclusão e dos impactos das reconfigurações identitárias entre gerações de migrantes que por vias transculturais, demonstram os embates e intempéries que fazem parte da formação dos sujeitos contemporâneos.

O aumento da diversidade cultural tem se tornado uma das características mais fascinantes e marcantes na literatura contemporânea do Canadá, com escritores de variadas experiências étnicas adentrando as arenas das línguas literárias inglesa e francesa no país. [...] Os temas que se sobressaem em tal literatura transcultural (escritas em inglês ou francês) incluem a busca de um indivíduo ou um imigrante ou comunidade indígena por uma identidade cultural, assim como as tensões entre estas buscas coletivas e individuais (NISCHIK, 2008, p. 19).³¹

Sendo os processos transculturais flagrantes transições e transformações incorporativas de aspectos culturais e sociais, fruto das aproximações entre povos distintos, as narrativas dispostas sob nosso foco de análise apresentam alguns, se não todos, os pontos referentes ao ‘romance transcultural’, discutido por Sissy Helff em suas pesquisas a respeito dos estudos transculturais de língua inglesa. A teórica pontua:

Considero um romance transcultural se um dos seguintes aspectos se aplicar: primeiro, se o narrador e / ou a narrativa desafia a identidade coletiva de uma determinada comunidade; em segundo lugar, se as experiências de passagem das fronteiras e identidades transnacionais caracterizarem os modos de vida (*Lebenswelt*) dos narradores; e terceiro se as noções tradicionais de lar forem contestadas (HELFF, 2008, p. 83).³³

Cientes da enumeração determinada por Helff quanto aos aspectos transculturais da narrativa, podemos observar um invólucro de instabilidades em textos dotados de protagonistas dominados pelas incertezas e dúvidas, oscilantes entre culturas e absortos em variadas expressões culturais; as narrativas transculturais não deixam de carregar aspectos das multiculturalidades e interculturalidades, pois, em se tratando de uma extensão das mesmas, irrompem e (re)unem as memórias coletivas num caldeirão de encontros, esse gerador de profusões de negociações heterogêneas. Nas palavras de Rama (2008, p. 62), “A extraordinária fluidez e movimento constante de vidas e acontecimentos, das transmutações existenciais e a incerteza de valores, tecem assim o substrato sobre o qual o discurso interpretativo vai se desdobrar.”³⁴

Nessa perspectiva, o romance de Gurjinder Basran, *Everything Was Good-Bye* (2010) tenciona as instabilidades vivenciadas pela protagonista chamada Meena (Meninder). Narrado em primeira pessoa, a narrativa nos introduz à pequena Índia erigida no subúrbio de Vancouver, conduzindo-nos através dos penetrantes aromas indianos e da dinâmica de suas tradições, às complexidades da vivência entre culturas. No decorrer do romance, identificamos Meena como sendo a filha mais jovem dentre seis irmãs, descendente de pais indianos. Nasceu na Inglaterra e migrou com a família para o Canadá ainda em tenra idade. Após o falecimento do pai, durante um acidente de trabalho, mudanças significativas na rotina da família passam a estabelecer ditames mais rígidos

às mulheres. Ao longo da narrativa, Meena nos conta sua estória intercalando memórias do passado ao tempo presente, descrevendo sua infância até a fase adulta. Analisando os passos da protagonista de Basran percebemos que um dos aspectos apontados por Sissy Helff condiz com as objeções do (a) narrador (a) ou da própria narrativa em relação a uma identidade coletiva, que, no romance de Basran, se expressa pela pequena Índia, habitada pelos moradores, familiares e amigos da família de Meena. Notoriamente vinculada às tradições da cultura indiana presente, a protagonista entra em confronto com aspectos dessa cultura de origem a partir das novas influências que experimenta no Canadá da contemporaneidade. Percebe-se no seguinte diálogo entre Meena e sua mãe que a jovem vive nesse tenso entre lugar identitário: “Você perde tanto tempo nestes livros bobos que acabou esquecendo quem você é, Meena. Esse é o problema”. “Eu não esqueci quem sou. Esse é o problema.”³⁵ (BASRAN, 2010, p. 79). A jovem tem sonhos que, para sua família, são ousados demais, inadequados aos olhos daqueles que preservam as tradições dentro do seu grupo de origem. No diálogo a seguir entre Meena e Liam, fica claro que ela reconhece tanto seus desejos quanto as imensas dificuldades em realiza-los, principalmente, quando esses potencialmente a afastariam de sua comunidade.

Ele enfiou a mão na areia e pegou um pedaço de papel que tinha caído do livro. “O que é isso?”

Tentei agarrá-lo. “Dê-me aqui”.

Ele o desdobrou e segurou fora do meu alcance, murmurando as palavras como que passando pelo conteúdo, anunciando os destaques. “Seu ensaio pessoal ‘Os que não têm’ ... foi premiado com o segundo lugar no concurso nossos jovens escritores do Canadá ... convidados a Toronto para aceitar seu prêmio uma bolsa de estudos ...

Eu o peguei de volta e amassei na minha bolsa junto com a revista.

“Qual é o problema? Isto é incrível. Por que você não está feliz com isso?”

Eu balancei minha cabeça e levantei os dedos do pé na areia.

“Porque a minha mãe não vai me deixar ir”.

“Por quê?”

“É complicado” [...]

“Porque Toronto é muito longe de casa e porque ela acha que escrever é um desperdício de tempo e quer que eu faça algo mais produtivo” (BASRAN, 2010, p. 38-39).³⁶

Nesse sentido, o desejo de tornar-se escritora, de seguir seus talentos, acentua em Meena as tensões e conflitos internos, fazendo com que a mesma se veja dividida e confusa quanto a sua própria identidade, “Quando poderei ser *quem sou?*”³⁷ (BASRAN, 2010, p. 31). Nesse exercício de compreender a si mesma dentro de um contexto marcado pela transculturação, a protagonista da narrativa de Basran nos introduz aos processos de negociação entre duas línguas, dois modos de enxergar o mundo, duas tendências que se entrelaçam, a partir de seu cotidiano. A representação desses encontros culturais se dão entre os intensos aromas das especiarias da pequena Índia, agentes ratificadores de sua cultura ancestral e que estão presentes ao longo da narrativa, recordando-a, também, de um compromisso para com sua mãe, defensora dos arranjos patriarcais na família. Em uma passagem do romance, Meena tem seu primeiro encontro sexual com Liam e, logo após chegar em casa, é surpreendida por sua mãe e pelos envolventes aromas que se infiltram no espaço que essas ocupam, como lemos: “ao abrir a porta dos fundos, eu podia dizer que minha mãe tinha cozinhado. O aroma pungente das cebolas, da manteiga, e masala preenchia a escadaria e aderiu a minha pele. [...] Você irá para a escola e voltará para casa... compreende? Ela colocou os óculos de volta e acrescentou pimenta à mistura de curry.”³⁸ (BASRAN, 2010, p. 74). Em contra partida, a decoração do quarto de Meena é povoada por elementos da cultura de chegada, inserindo-se assim como “diferença” na pequena Índia representada por sua casa. Quando sua irmã Serena visita à casa, essa questiona: “O que você está ouvindo?” “New Order”. Serena se levantou, andou pelo meu quarto analisando as paredes cobertas por pôsteres de revistas como *Rolling Stone*, *Vogue* e *Elle*. Nossa! A mamãe nunca me deixou colocar nada disso no meu quarto.”³⁹ (BASRAN, 2010, p. 30). Portanto, os contatos culturais geram mudanças em Meena, à medida que a narrativa se aproxima da fase adulta da protagonista.

Principalmente a partir do encontro com Liam, percebemos que esse se torna, ao nosso ver, uma espécie de catalisador das travessias e cruzamentos entre a tradição ancestral e os aspectos da cultura de chegada. Após esses contatos recorrentes com esse rapaz branco se intensifica a vigilância da comunidade sobre Meena, “a medida em que eu caminhava para casa, eu me perguntava se alguma das tias da rua tinha me visto sair da casa de Liam, caso tivesse, iria informar a minha mãe.”⁴⁰ (BASRAN, 2010, p.

48). Noticiadas à matrona da família, tais transposições sofrem intervenção por parte de sua mãe, que retoma a língua ancestral como forma de enfatizar e rememorar a tradição cultural de toda uma coletividade na qual Meena está inserida. A representação e o reavivamento dos costumes, através da demanda pela língua Punjabi como única a ser utilizada em casa ocorrem, frequentemente, após os encontros com Liam (ou com a cultura de chegada), demonstrando a identidade fluida e em negociação da protagonista que busca articular ambas as experiências na sociedade transcultural em que está inserida.

“Relaxe, mamãe, ele é apenas um amigo”. “**Fale Punjabi**, Meena! Amigo shmend”, ela zombou antes de recuar para Punjabi. “Ele é um garoto, um garoto branco! O que as pessoas pensam quando veem você andando com um rapaz? Eles vão pensar que ele é um namorado. A última coisa que você precisa é ferir sua reputação, prejudicar suas chances de fazer um bom casamento, ou pior, o de sua irmã”. (BASRAN, 2010, p. 28).⁴¹
[...]

“Mãe, eu apenas” ... “Apenas o quê?” Ela olhou com desgosto. Embora os óculos estivessem embaçados, eu podia ver seu olhar exagerado na parte ampliada da lente e me perguntava se ela sabia. Ela devia saber. “Fale Punjabi!” Ela disse, enquanto batia a mão sobre o balcão. [...] “Sem mais saídas. Sem ficar na escola até tarde, nada de amigos. Não mais ... Você entendeu?” (BASRAN, 2010, p. 74)⁴²

A linguagem é, de fato, uma das dimensões do pertencimento identitário, pois o uso de determinada língua e todos os símbolos e significados implicados indicam o ato de assumir uma cultura ou no mínimo permitir que ela lhe marque. Vemos no caso de Meena, que a língua Punjabi é exigida por sua mãe como forma de enfatizar o elo com a cultura ancestral, da mesma forma como diz respeito à percepção identitária de Meena como (parcialmente) indiana. Desse modo, na narrativa de Basran, via memória de Meena, sabemos que, no repouso noturno, a protagonista se aconchegava a sua mãe para ouvir e rememorar a história apaziguadora das noites de tempestade.

“Ik si chidi ik si kaa... Era uma vez um pássaro, era uma vez que um corvo ...” eu não entendia o resto, mas eu gostava do som de todas as suas histórias. Às vezes, eu a parava no meio da narrativa e a traduzia eu mesma. Ela não pareceu se importar, naquela época que nós não nos entendíamos, ela me permitiu minhas próprias interpretações. (BASRAN, 2010, p. 98)⁴³

O relato de Meena sobre a história contada por sua mãe na língua ancestral se mescla à língua local, construindo um palimpsesto representativo dos processos transculturais internalizados e vivenciados pela protagonista, que representa, assim, a transculturação na narrativa através da linguagem. Ainda com relação à linguagem, conforme essa é caracterizada dentro da teoria ramaniana, a representação de traços híbridos, torna notória uma mescla das línguas e que “em um mesmo romance buscariam a existência de um sistema dual” (CUNHA, 2007, p. 183), no qual havia uma incorporação dos vocábulos pertencentes ao léxico ancestral, intercalando, assim, aspectos específicos da língua ancestral com a local, como observamos na passagem, “Minha mãe estava na cozinha a esfregar a pia, a sua **kara**⁴⁴ tilintando contra o aço da bacia - mantendo o mesmo ritmo que o **Shabad**⁴⁵ no rádio.” (BASRAN, 2010, p. 2)⁴⁶

A princípio a protagonista de Basran se vê num dilema existencial: seguir os preceitos da tradição e, conseqüentemente, atender os anseios da mãe, conforme aderiu sua irmã Serena, ou romper com os laços familiares, escolha esta abraçada por sua irmã Harjinder (Harj). Serena “minha irmã mais velha, a mais esperta e casada”⁴⁷ (BASRAN, 2010, p. 29), representa o papel ideal dentro da coletividade na qual se insere a protagonista. Em contrapartida, sua irmã Harj, ao sofrer a violência física por parte de um grupo de rapazes, é atingida pela violência social no interior de sua própria comunidade, “Harj, que estudou sociologia na universidade, uma vez me disse que éramos um alvo natural para os julgamentos: a família que fora ferida era presa fácil para uma comunidade muitas vezes fechada em si mesma” (BASRAN, 2010, p. 49).⁴⁸ Em decorrência desses acontecimentos, a jovem Harj abandona o lar meses depois da violência vivenciada por não suportar as pressões e os julgamentos que lhe são impostos pela comunidade. Buscando equilibrar ambos os lados, Meena reluta quanto as suas escolhas, “às vezes eu só quero fugir, você sabe. Descobrir as coisas por conta própria.” (BASRAN, 2010, p. 39).⁴⁹ No entanto, sob pressão da mãe, a protagonista acaba cedendo ao casamento arranjado e se une ao pretendente – Sunny. Durante o processo, Meena deve assumir uma nova identidade, fato este iniciado pela mudança de seu nome – a partir de então: Surinder.

Uma vez me deparei com o nosso reflexo em uma vitrine ao mesmo tempo em que passávamos, eu a meio passo atrás do dele, minha

mão na sua mão enquanto ele me apressava. Eu andei ao meu lado por meia quadra, olhando para a minha expressão vazia do mesmo modo como uma criança olha quando procura pelas fisionomias dos ancestrais em fotografias de família, desesperada por semelhanças, reconhecimento e pertença. “Surinder”, eu lembrava a mim mesma, e atravessasse a rua - deixando meu outro eu para trás, olhando para ela de uma distância segura (BASRAN, 2010, p. 114).⁵⁰

Após a união com Sunny, as relações no casamento se tornam conflitivas e a protagonista passa a se apropriar da ausência do marido para retornar a atividades simples, parte de seu eu transculturado de antes: “sua ausência abriu-me espaço e ao longo da semana, eu espalhei-me mais e mais” (BASRAN, 2010, p. 150).⁵¹ Em sequência, ocorre o reencontro de Meena e Liam, durante uma exposição dedicada às fotos do mesmo. Percebe-se, assim, o reatar das negociações no interior da protagonista de Basran através de seu relacionamento e, ao mesmo tempo, pela transgressão aos aspectos tradicionais, pois a mesma passa a manter um relacionamento extra-conjugal com Liam, chegando a engravidar dele.

Após sua decisão de ter o bebê, Meena rompe com a concepção de lar, “Lar. Era palavra zombeteira, tão pequena quanto um gesto amável e tão grande quanto um oceano” (BASRAN, 2010, p. 206).⁵² Instalada no hotel Fairmont, um local de passagem tanto no aspecto físico quanto psicológico, a narrativa apresenta, a partir das mudanças de Meena, o diálogo que a mesma estabelece entre as duas culturas que a constituem, não cedendo a nenhum dos extremos nos quais se encontram suas irmãs, mas sim, abrindo neste entre lugar de trocas culturais um “novo” caminho. A protagonista de Basran se permite agenciar, do ponto transitório onde se encontra, os meios para criar o “novo”, partindo de suas escolhas quanto à relação entre as culturas que a constituem. Outro ponto que coaduna com a concepção de lar adotada pela protagonista se dá no momento em que a mesma, ao adquirir sua casa própria, caracteriza essa como “uma casa de artesanato com potencial” (BASRAN, 2010, p. 212).⁵³ Na realidade, a necessidade de uma reconstrução indica que, assim como a casa recém adquirida, a protagonista busca se adaptar ao seu novo lar e as novas formas de vida, mesclando os costumes tradicionais de sua cultura de origem com outros, da cultura de chegada, que também é marcada por outras tantas culturas. Os espaços ocupados pela protagonista ao longo do romance, também estão associados aos contatos e trocas culturais, pois as identidades da personagem se associam

a espaços que tanto são físicos quanto simbólicos e que refletem o glissar cultural, fruto dos processos transculturais, como indicaremos nos capítulos que seguem. Ao final do romance, percebemos a contínua negociação no interior de Meena, representada pela analogia ao *chai*, que é aquecido no micro-ondas.

Eu peguei minha xícara de *chai* frio e desci para esquentá-la pela terceira vez. Eu sei que eu não vou tomá-lo. Vou apenas observar a xícara girar no micro-ondas, ouvindo o zumbido oscilante que se impõe à chuva e contando as gotas que atingiram a janela, vê-las espalhadas como veias que atravessam o meu reflexo e ficar me perguntando por que tudo o que eu sei fazer é esperar. Mas pelo quê, eu ainda não sei (BASRAN, 2010, p. 253-254).⁵⁴

A xícara contendo o líquido representante da cultura ancestral de Meena e que, ao longo do romance, verificamos como um item apaziguador e símbolo da cordialidade, gira em meio ao oscilante zumbido do aparelho que se une ao barulho da chuva respingando na janela e formando pequenas veias. Essas veias remetem ao sistema circulatório e sua contínua renovação que, através do olhar de Meena, representa seu próprio ser em trânsito. Além disso vale considerarmos o sentido da janela “enquanto abertura para o ar e para a luz, a janela simboliza receptividade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 512). Enquanto refletora, também, dos sentimentos de incerteza, quanto ao que está sempre por vir, as janelas podem ser associadas às “características transculturais se forem consideradas como uma abertura consciente até [...] processos ininterruptos, efetuados por impactos globalizantes contemporâneos sobre culturas e indivíduos” (TUNKEL, 2012, p. 123),⁵⁵ em suas constantes renovações e os multifacetados encontros culturais.

Considerações finais

Em *Everything Was Good-Bye*, de Gurjinder Basran, somos conduzidos através do olhar de Meena a experienciar a vivência diaspórica indo-canadense, os embates e as negociações socioculturais que, ao mesmo tempo, testam e criam novos limites sociais, conforme a protagonista enfrenta os efeitos e estereótipos atribuídos às minorias no país. Em negociação com as múltiplas dimensões da vivência diaspórica, percebemos como o lugar multicultural canadense, passa, de fato, a ser utilizado como entre lugar transcultural através das experiências das protagonistas. Essas experiências, por sua vez, são expressas

por meio do tecido histórico, simbolicamente reunido na trama ficcional, na qual, dispõe à literatura a caminhar junto à História, possibilitando reflexões sobre a condição humana. Nesse sentido, segundo destaca Joan Scott, o conhecimento histórico é parte da política do sistema de gênero. O sentido político creditado por Scott (1994, p. 18), diz respeito, ao “processo pelo qual os jogos de poder e saber constituem a identidade e a experiência”. Vistos como fenômenos variáveis, as ligações entre as histórias do passado e as práticas históricas atuais convergem, no intuito de trazer uma concepção de História das Mulheres não em separado, mas sim, apresentando, pela perspectiva das mulheres, questionando seu apagamento como sujeitos históricos nos processos de constituição das sociedades. Uma nova forma de pensar a história, segundo Scott é observada através da vivência das protagonistas, enquanto construção e (re)formação de suas identidades.

Portanto, a intenção de nossa investigação se torna um convite a caminhar pela História canadense, por via ficcional, através da perspectiva feminina no imaginário transcultural. A jornada empreendida visa ratificar a presença asiática nas letras canadenses, assim como, dispor essas vozes que partilham, questionam e transgridem as diferenças e os discursos empreendidos na conceitualização do eu e do outro. Por fim, compreendemos as narrativas minoritárias de mulheres de cor, os elementos enriquecedores e os questionamentos que as acompanham, como fatores presentes na elaboração de novos roteiros abertos às discussões sobre novas configurações nas identidades de mulheres. Seus conflitos e lutas em busca de reconhecimento são aqui dispostos como mediação entre a experiência histórica e como conjunto literário promotor das vozes da transformação, a descortinar e romper com as opacidades traiçoeiras da submissão.

REferências

BASRAN, Gurjinder. *Everything Was Good-Bye*. British Columbia: Mother Tongue Publishing, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BEAUREGARD, Guy. The Emergence of ‘Asian Canadian Literature’: CanLit’s Obscene Supplement?. *Essays on Canadian Writing*. n. 67. 53-75, 1999.

BERG, Wolfgang; ÉIGEARTAIGH, Aoileann Ní (eds.). *Exploring Transculturalism: a biographical approach*. Heidelberg, Germany: VS Verlag, 2010.

BRANCATO, Sabrina. Transculturalità e transculturalismo: i nuovi orizzonti dell'identità culturale. *Le Simplegadi*. v. 2, n. 2, 40-46, 2004.

BRYDON, Diana; DVORAK, Marta (eds.). *Crosstalk: Canadian and global imaginaries in dialogue*. Ontario: WLU Press, 2012.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 21 ed. Tradução Vera da Costa e Silva; Raul de Sá Barbosa; Angela Melim; Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CUNHA, Roseli Barros. *Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama*. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

DOBSON, Kit. *Transnational Canadas: Anglo – Canadian Literature and Globalization*. Ontario, Canada: Waterloo Laurier University Press, 2009.

DOMÍNGUEZ, Pillar Cuder; LUCAS, Belén Martín; LÓPEZ, Sonia Villegas. *Transnational Poetics: Asian Canadian women's fiction of the 1990s*. Ontario, Canada: TSAR Publications, 2011.

EPSTEIN, Mikhail. *Transculture: a broad way between globalism and multiculturalismo*. In: *American Journal of Economics and Sociology*. v. 68, n 1, 2009.

FERENS, Dominika. *Edith and Winnifred Eaton: Chinatown missions and Japanese romances*. Urbana and Chicago. University of Illinois Press, 2002.

FRYE, Northrop. *The Bush Garden: essays on the Canadian imagination*. Toronto: Anansi, 1995.

_____. Conclusion to the Literary History of Canada. In: MOOKEJEA, Sourayan; SZEMAN, Imre; FAURSCHOU, Gail. *Canadian cultural studies: a reader*. Durham and London. Duke University Press, 2009.

HELFF, Sissy. Shifting Perspectives: The Transcultural Novel. In: *Transcultural English Studies: Theories: Fictions, Realities*. Frank Schulze-Engler and Sissy Helff (eds.). Amsterdam/New York: Rodopi, 2008.

_____. *Unreliable truths: transcultural homeworlds in Indian women's fiction of the diaspora*. Amsterdam/New York: Rodopi, 2013.

HOWELLS, Coral Ann. Parables of the Time: Canadian Women Transcultural Fiction. *New Literatures Review*, n. 23 (Summer), 1992.

_____. Home ground/ foreign territory: transculturalism in Contemporary Canadian Women's Short Stories in English. In: HUNTER, Lynette; GROSS, Konrad; EASINGWOOD, Peter (eds.). *Difference and Community: Canadian European Cultural Perspectives*. Amsterdam, The Netherlands: Rodopi, 1996.

HUTCHEON, Linda. Shape shifters: Canadian Women Novelists and the Challenge to Tradition. In: NEUMAN, Shirley; KAMBOURELI, Smaro. *A Mazing Space: Writing Canadian Women Writing*. Edmonton: Longspoon/Newest, 1986.

_____. *Splitting Images: Contemporary Canadian Ironies*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 1991.

KEEFER, Janice Kulyk. *From mosaic to kaleidoscope: out of the multicultural past comes a vision of a transcultural future*. Books in Canada, Sep., vol. 20, n 6. 1991.

LAI, Larissa. *Slanting I, Imagining We: Asian Canadian literary Production in the 1980s and 1990s*. Ontario, Canada: Wilfrid Laurier University Press, 2014.

MCMULLEN, Lorraine. Edith Maud Eaton. In: TOYE, William; BENSON, Eugene (eds.). *The Oxford Companion to Canadian Literature*. 2. ed. Don Mills, Ontario: Oxford University Press, 1997.

MIKI, Roy. *In flux: transnational shifts in Asian Canadian writing*. Alberta: Newest Press, 2011.

NGUYEN, Viet Thanh. *Race and Resistance: literature and politics in Asian America*. New York: Oxford University Press, 2002.

NISCHIK, Reingard M. (ed.). *History of literature in Canada: English-Canadian and French-Canadian*. New York: Camden House, 2008.

ORTIZ, Fernando. *Cuban Counterpoint: tobacco and sugar*. Translated by Harriet de Onís. London: Duke University Press, 1995.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: travel writing and transculturation*. 2. ed. New York: Routledge, 2008.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

SCOTT, Joan. *Gender and politics of history*. Columbia University Press, N.Y., 1988. Tradução Mariza Corrêa, IFCH/Unicamp. Cadernos Pagu (3), 1994. <www.biblioteca-digital.unicamp.br/document/?down=51007>

SUGARS, Cynthia; MOSS, Laura. *Canadian Literature in English: texts and contexts*. v. 2. Pearson Education Canada, Toronto: Penguin Academics, 2009.

TUNKEL, Nora. *Transcultural Imaginaries: History and Globalization in Contemporary Canadian Literature*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2012.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.

WELSCH, Wolfgang. Transculturality: the puzzling form of cultures today In: FEATHERSTONE, Mike; LASH, Scott (eds). *Spaces of Culture: City, Nation, World*. London: Sage, 1999.

Notes

¹ Professora do Departamento de Letras da UFPB, CCAE, campus Mamanguape. Paraíba. meenabasan@gmail.com

² “she may be considered the first North American of Chinese extraction to write realistically and convincingly of the difficulties and prejudices encountered by the Chinese in North America”.

³ “Eaton sent many of her pieces to American periodicals, often deleting the references that would identify her settings as Canadian Chinatowns”.

⁴ “Both sisters actually practiced political and textual strategies that are, in short, flexible, bridging resistance and accommodation, the bad subject and the model minority, as appropriate to their contexts. Their flexible strategies centered on articulating race through gender and sexuality and vice versa. While Sui Sin Far challenged racial domination, she often did so through conceding to gender restrictions and patriarchal expectations. Meanwhile, as Onoto Watanna’s most recent critics have argued, she often defied these same gender restrictions and expectations, a gesture that is supposed to ameliorate her accommodation to the racial demands of the day”.

⁵ “Many of her stories contain central characters of ‘Eurasian’, or mixed Chinese and European, ancestry. In her stories, Eaton took on issues of racismo, bicultural and biracial marriage, and women’s Independence”.

⁶ “Despite the fact that Asian Canadians have been writing since the late nineteenth century, the usage of the term ‘Asian Canadian literature’ is relatively recent”.

⁷ Referente aos povos do Leste, Sul e Sudeste da Ásia e que correspondem aos Chineses, Japoneses, Indianos, Paquistaneses, Filipinos, Coreanos, Vietnamitas, Tailandeses, entre outros. Já os povos do Oeste asiático são denominados “Arab Canadians” (Árabe-canadenses), dentre estes: Afegãos, Árabes, Iranianos, Armênios, Libaneses, Sírios, Iraquianos e Assírios.

⁸ “the formation of Asian Canadian literature as it was conceived in the 1980s and 1990s emerges as a rupture”.

⁹ “The complex interplay of context and intent has meant Asian Canadian has been understood, sometimes in contradictory ways, not only as symptomatic of Canada’s racialized history, an extension, that is, of the alien/Asian in its national body, but also as a provisional framework that makes visible the cultural practices of those designated under its name. On the other hand, then, Asian Canadian has borne a legacy of racism and othering that is marked by such state policies as exclusion (for Chinese Canadians) and internment (for Japanese Canadians) but, on the other hand, it has become the face of literary and cultural possibilities with the power to critique as well as overcome the past”.

¹⁰ “The rise of Asian Canadian literature as a concept and category coincided with Asian Canadian community-based activism and community-based activism in other marginalized communities, many of which overlapped or ran parallel with the framework “Asian Canadian””.

¹¹ “as a result, such ethnic/racial groups and their representatives have become frozen in the position of Others to white Canadian culture, and their work ghettoized and commercialized under the label of being ethnic”.

¹² “The collective efforts of Asian Canadian identity construction seem to have three interrelated purposes: (1) to reclaim suppressed ethnicity and to forge new identities; (2) to project an Asian Canadian identity into the mainstream society as a way of intervening in the nation – building process; and (3) to participate in a transnational struggle for equality and justice and to construct new cultural identities against the backdrop of Asian diasporas”.

¹³ “the designation “Asian Canadian” is a porous one”.

¹⁴ “Asian Canadian then becomes both a localized subject – of research, cultural production, interrogation – and a double-edged site: where relations of dominance threaten to be remobilized (more of the same), or where critiques of the nation can posit future methodologies of resistance and collective formations”.

¹⁵ “these writers stress fluidity, mobility, and multiple passages rather than fixed and stable racial identities. Homes and selves are often many rather than one”.

¹⁶ “Attualmente, in risposta alla sua evidenziata inadeguatezza a spiegare la complessità dei fenomeni odierni, la nozione tradizionale di cultura è in processo di revisione. Soprattutto nell’ambito sócio-antropologico e filosofico – e più recentemente in quello letterario – si sente ormai sempre più spesso parlare di transculturalità e transculturalismo. Questi nuovi concetti pongono ênfase sul carattere dialógico delle influenze culturali, tendendo ad una concettualizzazione dell’interazione in cui niente è mai completamente “altro” (straniero ed estraneo), e servono dunque a comprendere o processi di formazione dell’identità culturale in tutta la loro complessità”.

¹⁷ “literature is an inseparable part of culture and it cannot be understood outside the total context of the entire culture of a given epoch”.

¹⁸ “Those cultural products of a multicultural society which assert, explore or allude to their creators’ liminal

position between two or more different countries, communities, cultures”.

¹⁹ “It is not written exclusively for or read exclusively by the members of a given ‘minority’ community in Canada”.

²⁰ “if the postmodern and historiographic phase started in late 1960s, the postcolonial and subaltern discourses became dominant during the 1980s”.

²¹ “it would be more appropriate to define the predicament of the immigrant in Canada as ‘transcultural’ rather than ‘multicultural’ since this condition implies a constant sliding between native culture and adopted culture”.

²² I am of the opinion that the word transculturation better expresses the different phases of the process of transition from one culture to another because this does not consist merely in acquiring another culture, which is what the English word acculturation really implies, but the process also necessarily involves the loss or uprooting of a previous culture, which could be defined as a deculturation. In addition it carries the idea of the consequent creation of new cultural phenomena, which could be called neoculturation.s

²³ “Is composed of idiosyncratic values that can be identified as having been active since the remote past; on the other hand, it corroborates the creative energy that propels it forward, making it quite distinct from a simple aggregate of norms, behaviours, beliefs, and cultural objects, for it is a force that acts with facility on situations arising from its own development as well as on contributions coming from elsewhere”.

²⁴ “that is, social spaces where disparate cultures meet, clash, and grapple with each other, often in highly asymmetrical relations of domination and subordination”.

²⁵ “where subjects previously separated by geography and history are co-present”.

²⁶ “the concept of transculturality aims for a multi-meshed and inclusive, not separatist and exclusive understanding of culture”.

²⁷ “and the tendency in all cultures today to be hybrid, as result of increased mobility and communications Technologies”.

²⁸ “stories written by women from a variety of ethnic backgrounds – Chinese, Russian Mennonite and French Catholic, Russian Jewish, and Polish Ukranian – represent a heteroglossia of different voices haunting the English texts. But the stories are not allegories of selfhood; they are representations of the transcultural condition in writing”.

²⁹ “The differences complement each other and create a new interpersonal transcultural community to which we belong, not because we are similar but because we are different. The transcultural perspective opens a possibility for globalization not as homogenization but, rather, as further differentiation of cultures and their ‘dissemination’ into transcultural individuals, liberating themselves from their dependence from their native cultures. The global society can be viewed as the space of diversity of free individuals rather than that of fixed groups and cultures”.

³⁰ “The TransCanada Project offers the Penelopean metaphor of ‘unravelling the nation’. [...] a call to recognize that the creation of any imagined community is a continuous work in progress, involving making and unmaking, learning and unlearning, aiming not to fix boundaries but to encourage movements across them”.

³¹ “The perspectives gained by a transcultural approach to literature thus become especially relevant for texts that dispute the formation of identities, whether communal or individual, ethnic or racial, or determined by other cultural markers”.

³² “Increasing transcultural diversity has become one of the strongest and most fascinating characteristics of contemporary literature in Canada, with writers of many ethnic backgrounds entering the arena of English – and French – language literature in Canada. [...] Prominent themes in such transcultural literature (written in either English or French include the quest of an individual or an immigrant or indigenous community for cultural identity, as well as tensions between these individual and collective quests”.

³³ “I will speak of a transcultural novel if one of the following aspects applies: first, if the narrator and/or the narrative challenge(s) the collective identity of a particular community; second, if experiences of border crossing and transnational identities characterize the narrators’ lifeworld (*Lebenswelt*); and third, if traditional notions of ‘home’ are disputed”.

³⁴ “La extraordinaria fluidez y el constante desplazamiento de vidas y sucesos, las transmutaciones de la existencia y la inseguridad de los valores, tejerán entonces el substrato sobre el cual se desplegará el discurso interpretativo”.

³⁵ ““You spend so much time writing in your silly books that you have forgotten who you are, Meena. That is the problem’. ‘I haven’t forgotten who I am. That’s the problem””.

³⁶ “He reached into the sand and picked up a piece of paper that had fallen out of the book. “What’s this?”

I tried to grab it. “Give it here””.

He unfolded it and held it out of reach, mumbling the words as he skimmed the contents, announcing the highlights. “Your personal essay ‘The Have Nots’...has been awarded second place in our Young Writers of Canada

contest...invited to Toronto to accept your scholarship prize...”

I grabbed it from him and crumpled it into my bag with the journal.

“What’s the matter? This is amazing. Why aren’t you happy about it?”

I shook my head and pitched my toes in the sand. “Because my mom won’t let me go.

“Why?”

“It’s complicated” [...]

“Because Toronto is too far from home and because she thinks that writing is a waste of time and wants me to do something more productive”.

³⁷ “When will I get to be who I am?”

³⁸ “When I opened the back door I could tell that my mother had been cooking. The pungent aroma of onions, butter and masala filled the stairwell and clung my skin. [...] You’ll go to school and come home ... understand? She put her glasses back on and added pepper to the curry mixture”.

³⁹ “What are you listening to?” “New Order”. Serena got up. Walking around my room, studying the walls covered in *Rolling Stone*, *Vogue* and *Elle* magazine covers. “Wow, Mom never let put anything like this in my room”.

⁴⁰ “as I walked home I wondered if the aunties on the street had seen me leave Liam’s house, and if they did, whether they would report back my mother”.

⁴¹ “Relax, Mom, he’s just a friend. Speak in Punjabi, Meena! Friend shmend, she mocked before retreating to Punjabi. He is a boy, a white boy! What will people think when they see you walking with a boy? They will think that he is a boyfriend. The last thing you need is to hurt your reputation, hurt your chances of making a good match, or worse, your sister’s”.

⁴² “Mom, I just ...” Just what? She looked up in disgust. Although her glasses were foggy, I could see her exaggerated stare in the magnified portion of the lens and I wondered if she knew. She must have. Speak in Punjabi! She said, slamming her hand on the counter. [...] No more going out. No staying at school late, no friends. No more...you understand?”.

⁴³ “Ik si chidi ik si kaa... Once there was a bird, once there was a crow... I didn’t understand the rest, but I liked the sound of all her stories. Sometimes I would stop her midway through and translate for myself. She didn’t seem to mind, back then, that we didn’t understand each other, and she allowed me my own interpretations”.

⁴⁴ Bracelete forjado em aço ou ferro, artigo que visa demonstrar a fê dos iniciados e que identifica um Sikh. Símbolo de sua ligação com Deus. [http://en.wikipedia.org/wiki/Kara_\(Sikhism\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Kara_(Sikhism))

⁴⁵ Termo usado pelos Sikhs para se referir a um hino, parágrafo ou seções do texto sagrado, denominado de *Adi Granth*. <http://en.wikipedia.org/wiki/Shabad>

⁴⁶ “My mother was in the kitchen scrubbing the sink, her steel kara clinking against the basin – keeping time with the shabad on the radio”.

⁴⁷ “my oldest, smartest, married sister”.

⁴⁸ “Harj, who had studied sociology in university, once told me that we were a natural target for judgments: a family already wounded was easy prey for a community that often turned on itself”.

⁴⁹ “Sometimes I just want to run away, you know. Figure things out on my own”.

⁵⁰ Once I caught our reflection in a shop window as we walked by, my stride half a step behind his, my hand in his hand as he hurried me along. I walked beside myself for a half a block, staring at my vacant expression the way a child might search the ancestral faces in family photographs, desperate for similarity, recognition and belonging. “Surinder”, I’d remind myself, and crossed the street – leaving my other self behind, looking at her from a safe distance”.

⁵¹ “his absence made room for me and as the week progressed, I spread myself out more and more”.

⁵² “Home. It was a mocking word, as small as a kind gesture and as large as an ocean”.

⁵³ “a Craftsman house with ‘potential’”.

⁵⁴ “I pick up my cup of cold chai and go downstairs to reheat it for the third time. I know I won’t drink it. I’ll just watch it turn in the microwave, listen to the oscillating hum over rain, count the rain drops that hit the window, watch them spread into veins that stretch across my reflection and wonder why all I know how to do is wait. But for what I still don’t know”.

⁵⁵ “Transcultural characteristics whether they are regarded as a conscious opening up [...] unstoppable processes effected by contemporary globalizing impacts on cultures and individuals”.